

Construir memórias com arte

A arte sempre foi, para muitas pessoas, um «ser» ao mesmo tempo atrativo e estranho, incompreensível, distante. Durante muito tempo, observar, apenas observar a obra, bastava! Mas hoje em dia, perante todas as mudanças de paradigmas da sociedade atual, o observador já não se contenta apenas com a observação do que tem diante dos olhos. A compreensão, os questionamentos, as partilhas e as críticas estão cada vez mais vivos dentro de cada um, embora muitas vezes seja necessário encontrar meios e caminhos para conseguir esta emancipação perante um objeto artístico e perante a vida.

É desde pequeno que se deve trabalhar esta nova forma de estar para a arte... para o mundo!

Quanto mais cedo a criança for sensibilizada para e pela arte, mais facilmente terá abertura para a integrar no seu desenvolvimento. Uma relação precoce com as linguagens artísticas permite que a criança se habitue a lidar com elas de forma natural e que aprenda a usá-las como uma ferramenta útil na sua vida, aproveitando o seu forte potencial para estimular a criatividade, ampliar conhecimentos, abrir o espetro de referências e diversificar as formas de expressão.

O século XX foi pontuado por inúmeros acontecimentos marcantes que acabaram por definir a nossa forma de vida atual. Eventos como a invenção da televisão, do computador e da Internet, foram essenciais para a definição da nossa sociedade contemporânea, global e veloz, e tornaram este século extremamente rico a nível artístico. Neste campo, foi prolífero em experiências visando abrir caminhos que rompessem com o que se fazia anteriormente

e, ao mesmo tempo, trouxessem uma nova forma de olhar, sentir, pensar, expressar e concetualizar o mundo. O século XXI aproveita os caminhos trilhados pelo seu antecessor e traz a arte para mais perto das pessoas. Tão perto como nunca antes esteve, ao contrário do que se possa pensar. Os materiais, as temáticas, os artistas estão entre nós, imiscuídos na sociedade e refletem o que nela se passa a nível social, político, estético, económico, científico, natural... Enfim, a vida em todas as suas vertentes. Os processos artístico ingerem, digerem e dão nova forma ao mundo, convidando o público a fazer o percurso inverso quando se depara com a obra de arte, fechando assim um ciclo.

O contacto com a arte, principalmente a moderna e contemporânea, propicia o desenvolvimento do pensamento artístico, crítico, da perceção estética, do olhar e da capacidade de expressão que caracterizam um modo próprio de ordenar e dar sentido à experiência humana: o aluno desenvolve a sensibilidade, a criatividade, a perceção e a imaginação, tanto na criação de formas artísticas como na ação de reconhecer e apreciar as formas produzidas por artistas, mas também por ele próprio e pelos colegas, pela natureza e no seio de diferentes culturas.

Estar perante uma obra de arte moderna ou contemporânea é podermos confrontar-nos com o inesperado, com novas formas, técnicas, tecnologias, linguagens, culturas e novos significados. Mas é também um convite à reflexão, uma oportunidade para olharmos para nós próprios e para o mundo em que vivemos, para a forma como nos relacionamos com os outros e com aquilo que nos rodeia, e até com as capacidades que desconhecíamos ter.

Além de falar de conteúdo, o que já acontece na escola, estes encontros com a arte devem levar o aluno a estabelecer relações entre o mundo e a forma como é percebido pelo o homem (e por ele próprio) ao longo do tempo e na atualidade. É interessante mostrar obras produzidas em diferentes períodos, mas que tratem do mesmo assunto, por exemplo.

Lidar com a arte é construir um olhar cada vez mais sensível e crítico para perceber como os elementos estéticos trazem significados diversos. A visita acompanhada a uma

exposição pode oferecer ao aluno uma perceção bem maior do que a esperada à partida. É fundamental desvincular o «eu não entendo» do «eu não gosto». É preciso, para isso, encontrar significados. O facto de a experiência ser feita em grupo permite uma riqueza ainda maior, uma vez que no confronto das diferentes opiniões, ideias e pontos de vista pode perceber-se que há espaço para várias «verdades», desde que devidamente argumentadas e fundamentadas. Se esta aprendizagem for acompanhada pela participação da família, os laços entre esta e a escola são reforçados, assim como a continuidade desse processo muito para além do projeto, com um fortalecimento da auto-estima da criança através da partilha das novas descobertas com a família.

O triângulo escola-museu-família é o lugar ideal para permitir que a interpretação da arte faça viver a essência daquilo que é a verdadeira democracia: aprender com o corpo todo, crescer de forma harmoniosa, traçar e enriquecer uma rede de possíveis interpretações, significados, opiniões e possibilidades de estar, perceber e atuar perante a vida e tudo o que ela nos proporciona.

Susana Alves,

Formada em Psicologia Educacional pelo ISPA, com formação em Educação pela Arte e Pedagogia da Dança. Trabalha como Mediadora Cultural desde 2005.